



## A Lente da Câmara fotográfica e o transcurso do tempo: rostos da História e da resistência

Elaine Karla de Almeida

Doutoranda em Ciência da Arte - Universidade Federal Fluminense  
Bolsista da CAPES

Nesta comunicação, apresentaremos uma súpula das investigações que realizamos com sujeitos da terceira idade. Analisaremos principalmente a angústia da interdição desses indivíduos pela sociedade, bem como o tabu da morte e suas implicações na vida dessas pessoas. Temos como objetivo valorar para a comunidade, e para os próprios idosos, a beleza de alcançar a terceira idade, apesar de algumas limitações adquiridas com o passar dos anos. Almejamos mostrar o corpo já frágil, marcado pelos anos, como se fosse um livro, onde cada ano escreve um capítulo de vida, com suas alegrias e tristezas, sem lugar para rasuras ou máscaras, mostrando de forma poética o efeito do tempo, para observarmos que além das limitações esses corpos são belos.

*Palavras-chaves:* fotografia; terceira idade; morte.

Ao observarmos a grande maioria das pessoas que andam nas ruas das grandes cidades, compenetradas em seus pensamentos, percebemos que não param para observar o que está à sua volta – em parte, devido à cobrança de produtividade do dia-a-dia – e geralmente quando o fazem é devido à insegurança com a criminalidade ou com o trânsito, por exemplo. A terceira idade, neste universo, se mostra como um grande potencial humano, uma excelente oportunidade de sair um pouco dessa loucura da vida moderna/contemporânea para entrar em outro ritmo, um ritmo menos acelerado, onde podemos parar para contemplar as delícias que essa cidade moderna nos pode oferecer, aproveitar a experiência vivida em prol de uma vida mais tranqüila e saudável, pois ainda temos muitos tabus para romper com relação aos idosos.

É importante observarmos o que há de mais belo nessas vidas: seus sonhos; a família; o lar; a saúde; cumplicidade do casal; a simplicidade da vida cotidiana; o dia-a-dia; a sutileza dos cabelos finos, brancos e frágeis; as linhas da pele demonstrando que muito se vivenciou; a experiência de várias décadas; o conhecimento adquirido; a tranqüilidade; a simplicidade de um rosto; as histórias contadas com entusiasmo. Enfim, tudo que podemos aprender convivendo com essas pessoas apaixonantes.

Objetivamos, primeiramente, mostrar a beleza que esses corpos, já frágeis são capazes de conter. A poética desse fascinante território humano, vincado pelo tempo, tecido sobre o qual, a vida, a cada dia, redige uma página. Páginas que se acrescentam, redigindo nesses corpos um livro, e ele sendo apresentado a nós, sem máscaras ou rasuras, numa escrita poética mostrando a passagem do tempo.

Temos como principal suporte teórico Roland Barthes, tomando como pressuposto conceitual sua definição de que a fotografia é uma mensagem sem código “a mensagem fotográfica é uma mensagem contínua”, mostrando que sem a intervenção do homem, a fotografia se limitaria a registros

documentais.<sup>1</sup> Boris Kossoy acrescenta, ao comentar que a fotografia reflete a atitude do fotógrafo, que ela funciona como filtro cultural.<sup>2</sup> Observamos que Sebastião Salgado possui pensamento semelhante ao de Kossoy, quando afirma que a fotografia “resulta numa relação fotógrafo-fotografado comparável a uma tangente equilibrada perfeitamente sobre um círculo. O resultado é elegante, dramático e eficaz”.<sup>3</sup> Talvez por isso suas fotografias tenham uma força intuitiva muito grande. Cartier-Bresson – fotógrafo e escritor – defendia a reportagem fotográfica como única capaz de fazer a comunicação entre o homem e o mundo, afirmando que a fotografia por si só, não era interessante, segundo ele “A fotografia é um reconhecimento simultâneo, numa fração de segundo, do significado do acontecimento, bem como da precisa organização das formas que dá ao acontecimento sua exata expressão.”<sup>4</sup>

Roland Barthes nos apresenta um pensamento muito pessoal e intrigante, quando afirma

Imaginarmente, a Fotografia (aquela de que tenho a intenção) representa esse momento sutil em que, para dizer a verdade, não sou nem um sujeito nem um objeto, mas antes um sujeito que se sente tornar-se objeto: vivo então uma microexperiência da morte (do parêntese): torno-me verdadeiramente espectro.<sup>5</sup>

comparando o ato de ser fotografado à uma “microexperiência da morte”, acrescentando que ao sermos fotografados nos tornamos o que ele chama de “Todo-imagem, isto é, a Morte em pessoa”. Utilizamos esse pensamento para introduzirmos uma breve análise do pensamento ocidental sobre a morte e suas implicações, apresentando um diálogo sobre alguns autores estudados como Phillipe Ariès, Michel Vovelle, Sigmund Freud, entre outros, e seus pensamentos oriundos de tempos históricos distintos.

Faz-se necessário informar que o interesse inicial não era o de retratar a morte, porém, ao ouvirmos alguns depoimentos, observamos que a morte faz parte do imaginário desses indivíduos. Ao introduzirmos o assunto da morte, devemos esclarecer que temos que apreendê-la na longa duração, pois as transformações do homem com relação à morte são sempre muito lentas, e o tempo que as separa é maior que nossa capacidade de memória coletiva, assim como em vários outros aspectos da história. As representações da morte estão imersas em um complexo contexto cultural, familiar e social, onde coexistem atitudes tradicionais e novas.

Ariès, historiador da morte no Ocidente, afirma que na idade média a morte era “familiar”, o moribundo a aceitava tranquilamente. E que hoje para nós, a “morte [é] interdita”, motivo de vergonha; e explica que esse pensamento teve origem na segunda metade do século XIX. Segundo ele, primeiramente tinha-se a intenção de poupar o enfermo e ocultar-lhe a gravidade de seu caso, posteriormente a preocupação principal era de evitar a perturbação da sociedade, com emoções excessivas. A idéia de interdição da morte, teria a finalidade de preservar a felicidade, e teve início no século XX nos Estados Unidos.

Michel Vovelle, parte do princípio de que observando a morte e as atitudes coletivas, ou seja, de como ela é acolhida, a história poderá reencontrar os homens e compreender suas reações diante da morte. Vovelle não acredita na “morte familiar” da antiga Idade Média, onde o moribundo esperava a morte no leito, tranquilamente, como afirmou Philippe Ariès<sup>6</sup>, para ele tanto a relação do homem com a morte como a maneira como o homem é atingido por ela, sofreram alterações. Atualmente, a morte nos parece obscena devendo ser oculta nos hospitais, interdita da vida cotidiana. Segundo ele, a morte é “uma passagem que não admite fraudes”<sup>7</sup>, e acrescenta: “A morte é a metáfora reveladora do mal de viver. É uma derivada da esperança de felicidade”<sup>8</sup>.

<sup>1</sup> BARTHES, Roland. *A câmara clara – nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

<sup>2</sup> KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Ática, 1989.

<sup>3</sup> [http://www.terra.com.br/sebastiaosalgado/p\\_op1/p\\_interview.html](http://www.terra.com.br/sebastiaosalgado/p_op1/p_interview.html)

<sup>4</sup> <http://www.fotonadia.art.br/areadeacesso/bresson/>

<sup>5</sup> BARTHES, Roland. *A câmara clara – notas sobre fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 27.

<sup>6</sup> ARIÈS, Philippe. *História da morte no ocidente*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

<sup>7</sup> VOVELLE, N. Sobre a morte. In: *Ideologia e mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

<sup>8</sup> Ibidem.

Em seu texto “Nossa atitude para com a morte”, Sigmund Freud afirma que

é impossível imaginar nossa própria morte e, sempre que tentamos fazê-lo, podemos perceber que ainda estamos presentes como espectadores [...] no fundo ninguém crê em sua própria morte [...] no inconsciente, cada um de nós está convencido de sua própria imortalidade.<sup>9</sup>

Segundo ele, não temos a consciência da nossa morte, agimos como se fôssemos imortais. Existe uma tendência em nós humanos de excluir de nossas vidas qualquer rastro que nos lembre a morte, a morte é tida como um verdadeiro interdito, como se não existisse. Esse é nosso ponto de partida, a recusa desde o “homem primevo” – expressão do próprio Freud – em aceitar sua finitude, agimos sempre como se fôssemos infinitos, eternos.

Segundo Norbert Elias:

No presente, aqueles que são próximos dos moribundos muitas vezes não têm capacidade de apoiá-los e confortá-los com a prova de sua afeição e ternura, acham difícil apertar a mão de um moribundo ou acariciá-lo, proporcionando-lhe uma sensação de proteção e pertencimento, ainda. O crescente tabu da civilização em relação à expressão de sentimentos espontâneos e fortes trava suas línguas e mãos. E os vivos podem, de maneira semiconsciente, sentir que a morte é contagiosa e ameaçadora; afastam-se involuntariamente dos moribundos.<sup>10</sup>

É importante ressaltar a angústia que passamos quando temos que lidar com doença, solidão, impotência, insegurança e dor, tanto do enfermo quanto dos que lhe são próximos. O quanto é difícil para aceitarmos a morte, tanto a nossa quanto a dos nossos entes queridos. Almejamos alertar para a necessidade de respeitarmos as limitações impostas às pessoas pelos efeitos do tempo, limitações físicas, psicológicas, sociais e econômicas. Quando o idoso é interdito antes mesmo da proximidade com sua morte, como afirma Ecléa Bosi.<sup>11</sup> Devemos nos conscientizar da necessidade de harmonizarmos nossos sentimentos para podermos dar aos nossos idosos a dignidade de uma velhice tranquila e sadia, em um ambiente cercado de amor e acolhimento. Nessa fase da vida eles sentem muita falta da cumplicidade da família, amigos e da comunidade onde vivem.

Marisa Gascard em seu ensaio intitulado “O amor na função paterna” tece um belíssimo comentário sobre a ligação entre o sexo e a morte, quando diz ser “O sexo, celebração à vida, para driblar a morte”.<sup>12</sup> E acrescenta

celebrando a vida, descobre-se que sexo é bom, tão bom que tem que se inventar métodos para evitar filhos! E olha o trabalho da ciência: conseguir que se possa fazer sexo evitando filhos e fazer filhos evitando sexo!<sup>13</sup>

Assim, podemos sugerir que nos vimos imortalizados na figura do fruto dessa relação. Onde a dualidade vida/morte está em permanente questionamento. Não temos respostas concretas, científicas, de onde estávamos antes de sermos gerados e para onde vamos depois de nossa morte.

A grande relevância deste trabalho está em resgatar a beleza que existe por detrás dos rostos envelhecidos e enrugados, ostentando as marcas do tempo e da vivência: o retrato como um livro da existência. Atualmente vivemos em um momento da história em que se faz apologia à juventude, aos corpos malhados, ao movimento frenético, à velocidade dos acontecimentos, à necessidade cada vez maior de adquirir conhecimentos. E os idosos, como todos nós, sentem uma grande necessidade de

<sup>9</sup> FREUD, Sigmund. Nossa atitude para com a morte. In: *Obras Completas*. Edição Standard, v. XIV (História do Movimento Psicanalítico), texto de 1915, p. 327-339. Rio de Janeiro: Imago, 1969.p. 327.

<sup>10</sup> ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 36-37

<sup>11</sup> BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Quatro, 1979.

<sup>12</sup> GASCARD, Marisa. *O amor na função paterna*. Trabalho apresentado no VIII Encontro: O lugar do Pai na Modernidade. Organizado pela Escola Lacaniana de Psicanálise de Vitória/RJ, 17/05/2002.

<sup>13</sup> Ibidem.

inserção e aceitação nessa sociedade. Pretendemos demonstrar a grande importância do idoso na tradição oral. Segundo Marilena Chauí “a função social do velho é lembrar e aconselhar,”<sup>14</sup> e acrescenta que são eles os guardiões do passado, porém a sociedade capitalista interdita o velho, deixando somente a história oficial, destruindo os trabalhos da memória. Consideramos que a convivência com os netos faz com que o idoso reviva sua história, tendo a possibilidade de reconstruí-la ao contar suas experiências, prestando, ao mesmo tempo, um grande trabalho à sociedade; mostrando aos pequenos um universo diferente daquele em que vivem atualmente.

Podemos ver todo o poder de comunicação desses olhares, destes rostos marcados pelo tempo, criando uma cumplicidade entre o fotógrafo, o fotografado e o expectador, como se pudéssemos penetrar em um mundo novo, ainda não experimentado. Ou como disse Kubrusly, “O rosto, e não as impressões digitais, é nosso documento de identidade,”<sup>15</sup> acrescentando: “o rosto identifica uma única pessoa e evoca seu modo de ser, sua personalidade e, eventualmente, suas idéias.”<sup>16</sup> Ao observarmos atentamente um rosto, podemos dizer sobre a disposição do retratado, seu estado de espírito, se está triste ou feliz, ou seja, o rosto não engana, e se estes são como nossa identidade, imaginemos o quanto podemos descobrir ao observarmos os traços dos rostos de pessoas da terceira idade, são como enciclopédias, cheias de surpresas. Com isso, quebramos alguns tabus, e podemos aceitar as fragilidades do corpo que envelhece, sem perder a ternura, a delicadeza e sem amarguras ou rancores, aproveitar essa fase da vida em que é possível usufruir melhor o tempo, a natureza, a família, enfim, tudo o de que temos nos privado atualmente por necessidade de trabalho, estudo e sobrevivência.

---

<sup>14</sup> CHAUI, Marilena de Souza. Os trabalhos da sociedade (apresentação). In: BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Queroz, 1979. p. 18.

<sup>15</sup> KUBRUSLY, Cláudio Araújo. *O que é fotografia?* 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 32. (Primeiros Passos)

<sup>16</sup> *Ibidem*. p. 35.

## Referências

- ARIÈS, Phillipe. *História da morte no ocidente*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara – notas sobre fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BARTHES, Roland. A mensagem fotográfica. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). *Teoria da cultura de massa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra S/A, 1990, cap. 11, p.303-316.
- BELLOUR, Raymond. *Entre-imagens: foto, cinema, vídeo*. Campinas: Papyrus, 1997.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Quero, 1979.
- CAMARGO, Isaac A. *Reflexões Sobre o Pensamento Fotográfico*. Londrina: UEL, 1999.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. Os trabalhos da sociedade (apresentação). In: BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Quero, 1979. p. 17-18.
- FREUD, Sigmund. Nossa atitude para com a morte. In: *Obras Completas*. Edição Standard, v. XIV, (História do Movimento Psicanalítico), texto de 1915, p. 327-339. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- GASCARD, Marisa. *O amor na função paterna*. ESCOLA LACANIANA DE PSICANÁLISE DE VITÓRIA. VIII Encontro: "O lugar do Pai na Modernidade". Rio de Janeiro, 17/05/2002.
- KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Ática, 1989.
- KUBRUSLY, Cláudio Araújo. *O que é fotografia?* 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Primeiros Passos).
- LIMA, Ivan. *A Fotografia e sua Linguagem*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.
- MEUCCI, Nádia Raipp. *Henri Cartier-Bresson*. Disponível em <http://www.Porto.art.be/bresson/Nadia/Nadia.htm>. Acesso em 08 out 2002.
- RITCHIN, Fred. *O documentarista lírico*. Disponível em: [http://www.terra.com.br/sebastiaosalgado/p\\_op1/p\\_interview.html](http://www.terra.com.br/sebastiaosalgado/p_op1/p_interview.html). Acesso em 14 out 2002.
- SCLIAR, Moacyr. O renascimento da melancolia. In: *Saturno nos trópicos*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.
- VOVELLE, Michel. Sobre a morte. In: *Ideologia e mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 127-150.